

Visitas livres versus visitas orientadas: aprendizagem no espaço educativo do Museu de História do Pantanal em Corumbá/MS

*Ketylen Karyne Santos da Silva*¹, *Josiane Peres Gonçalves*²

Resumo: Esta pesquisa teve por finalidade investigar as interações que ocorrem entre o visitante, mediador e objetos de exposição no museu, comparando quais conhecimentos são assimilados durante a visita livre e visita orientada. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada inicialmente com 50 alunos do ensino médio de uma escola pública de Corumbá / MS que preencheram um questionário sobre o Muphan. Entre esses, 25 visitaram o referido museu, os quais foram divididos aleatoriamente em dois grupos, sendo que 12 fizeram visita livre e 13 fizeram a visita orientada, com o auxílio de um mediador. Ambos os grupos preencheram ao mesmo questionário logo após a visita ao museu. Ao comparar os resultados, evidencia-se que na visita orientada todos os alunos tiveram algum tipo de avanço, mesmo de forma modesta, enquanto na visita livre ocorreram casos de alunos que não demonstraram avanços, ou como se nunca tivessem visitado o Muphan. Contudo, quem fez a visita orientada não teve um avanço muito superior, se comparado com quem fez a visita livre, porque o processo de aprendizagem depende das interações sociais de cada indivíduo que o leva a ter predisposição ou não em adquirir novos conhecimentos. Conclui-se que, para que a comunidade local conheça e se sinta pertencente a essa história, é necessário que a população tenha contatos frequentes com o museu e que as escolas incentivem seus alunos a fazerem pesquisas, bem como realizarem visitas livres e orientadas no Museu de História do Pantanal.

Palavras-chave: Museus; Visitas; Mediação; Processo educativo.

Free visits x guided visits: learning in the educational space of the Museu de História do Pantanal em Corumbá/MS

Abstract: This research aims to investigate the interactions that occur between the visitor, mediator and exhibition objects in the museum, comparing what knowledge is assimilated during the free visit and guided visit. The qualitative field research was carried out initially with 50 high school students from a public school in Corumbá / MS who filled out a questionnaire about Muphan. Among those students, 25 visited the museum, which were randomly divided into two groups, 12 of which made free visits and 13 made the guided visit with the help of a mediator. Both groups completed the same questionnaire shortly after the museum visit. When comparing the results, it is evident that in the guided visit all students had some kind of progress, even modestly, while in the free visit there were cases of students who did not show advances, or as if they had never visited Muphan. However, those who made the guided visit did not have much greater progress, compared to those who made the free visit, because the learning process depends on the social interactions of each individual, which leads him to be predisposed or not to acquire new knowledge. It is concluded that, that the local community knows and feels part of this history, it is necessary that the population has frequent contacts with the

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal (CPAN/UFMS). Mestre em Educação pela mesma universidade. Professora da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. E-mail: ketylenk@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com Pós-Doutorado pela mesma instituição. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal (CPAN/UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAED/UFMS). E-mail: josiane.peres@ufms.br.

museum and that schools encourage their students to conduct research, as well as to conduct free and guided visits at the Pantanal History Museum.

Keywords: Museums; Visits; Mediation; Educational process.

1. Introdução

Desde a inauguração do Museu de História do Pantanal (Muhpan), em 2008, deu-se início ao processo de visitação, tanto por parte da comunidade local, quanto por turistas que visitam a região. As visitas podem ser de forma livre ou de forma orientada, sendo esta última mediada por uma pessoa capacitada, que explica as temáticas existentes no museu e contribui com a aquisição de conhecimentos por parte dos visitantes.

A partir dessas duas possibilidades de visitação, livre e orientada, surgiram as seguintes indagações: Será que as pessoas que desempenham a função de mediadoras do Muhpan têm conseguido desenvolver a interação entre os alunos/visitantes e o objeto de exposição? E será que existem diferenças significativas entre a visita livre e a visita orientada, sendo a primeira com e a segunda sem a presença do mediador?

Diante da problemática apresentada, surgiu o interesse de tentar entender essa realidade, a partir da realização de uma pesquisa que teve por objetivo investigar as interações que ocorrem entre o mediador, visitante e objetos da exposição no museu, comparando quais conhecimentos são assimilados pelos alunos durante a visita livre e visita orientada. Para atender a esse propósito, foi realizado o levantamento bibliográfico acerca do histórico do Muphan e também uma pesquisa de campo com estudantes do 2º ano do ensino médio de uma escola pública de Corumbá MS.

Espera-se que os dados obtidos, mediante a realização da pesquisa, possam contribuir para melhorar a organização interna das placas explicativas do Muhpan, bem como aprimorar o discurso dos educadores, pois mesmo diante de dois tipos de visita diferenciada, orientada e livre, os alunos dos diferentes grupos apresentaram dificuldades em temas semelhantes. Além do mais, os resultados da pesquisa poderão contribuir para que a população local obtenha maiores conhecimentos sobre sua história e se sintam estimulados a visitar com maior frequência este espaço cultural.

2. O Museu de História do Pantanal / MUHPAN

O Museu de História do Pantanal (Muhpan) está localizado na cidade de Corumbá, capital do Pantanal, no Estado do Mato Grosso do Sul. A cidade sede deste Museu, Corumbá, é a segunda cidade mais antiga do Estado. Fundada em 21 de setembro de 1778 foi palco de diversos acontecimentos históricos brasileiros. O Pantanal banha cerca de 60% do seu território e essa união de Pantanal e de 237 anos de existência torna Corumbá uma cidade repleta de história que são devidamente salvaguardados dentro do Museu de História do Pantanal.

A iniciativa da criação deste Museu, na cidade de Corumbá, foi um interesse conjunto entre a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo da cidade de Corumbá e o Ministério da Cultura. “A iniciativa é mérito de Corumbá que obteve contra partida do Ministério da Cultura” (NOGUEIRA, 2014, p. 3).

Dessa forma, no ano de 2002, a Fundação Barbosa Rodrigues, por atuar desde 1982 com projetos sociais, foi convidada a apresentar o Projeto Museu do Homem do Pantanal, ao Ministério da Cultura, em parceria com a Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente de Corumbá. De acordo com Nogueira (2014, p. 6), a Fundação “[...] abraçou a causa e desde então começou a participar da construção do conceito deste Museu, até então pensado pelo ponto de vista da arqueologia”.

Com a Fundação Barbosa Rodrigues assumindo o compromisso da gestão do Museu, deu-se início aos trâmites para a sua implantação, sendo então contratado, pelo Ministério da Cultura, o arqueólogo Prof. Dr. Carlos Etcheverne, que se responsabilizou pela elaboração do projeto conceitual do Museu.

Segundo o projeto conceitual de Etchevarne (2004), primeiramente o centro expositivo foi denominado de Museu do Homem do Pantanal. Estaria destinada a ele a função de apresentar os resultados dos estudos regionais, sendo possível transformar o conhecimento científico e, sobretudo, dar importância e voz à sabedoria popular. Todo esse conhecimento deveria ser de acesso universal.

O público-alvo principal seria a população do município de Corumbá e área circunvizinha. O museu deveria contar a história do homem do pantanal, de tal forma que a comunidade local se sentisse pertencente a essa história, sendo as pessoas colocadas como atores e agentes da transformação histórica ocorrida na região. Paralelamente o museu deveria se tornar um centro de referência de atividades pedagógicas e preservacionistas, ou seja, deveria utilizar o contexto histórico passado, para fazer com que a comunidade refletisse sobre suas ações e se projetasse para o futuro, consciente da forma correta de se relacionar com o meio. Além dessas funções que o museu deveria conter, estava também prevista a utilização deste espaço para fins turísticos, tendo o museu a função de apresentar a região, com todas as suas características naturais e culturais, aos visitantes de outras cidades e países. O turista que passasse pela região deveria utilizar o Muhpan como uma forma de compreender a construção do território do Pantanal (ETCHEVARNE, 2004).

A intenção inicial era construir um centro expositivo que abordasse a arqueologia da região pantaneira, mas no ano de 2003 essa temática se ampliou, passando assim a incluir outras áreas do conhecimento que foram retratadas no circuito expositivo do Muhpan.

[...] em função do reconhecimento que a região apresenta especificidades notáveis no processo de ocupação humana, que mereciam ser narrados em todas as suas vertentes episódicas. Ficam assim incluídos outros campos do conhecimento além da arqueologia: etnologia, etnohistória, história e antropologia social (ETCHEVARNE, 2004, p. 3).

Diante dessa nova perspectiva, foi proposta a mudança do nome de Museu do Homem do Pantanal, para Museu de História do Pantanal, visto que o museu não só contaria a história do homem pantaneiro, mas abarcaria outras áreas do conhecimento, incluindo os primeiros ocupantes da região até a população que reside na região no Século XXI.

Após quatro anos do início da criação do projeto para a implantação do Muhpan, a reforma e adequação do espaço histórico, além da elaboração do circuito expositivo, no dia 12 de agosto de 2008, o Museu de História do Pantanal enfim foi inaugurado.

É importante destacar que o prédio em que o Muhpan encontra-se instalado, é o Wanderley, Baís & Cia, construído em 1876 e considerado um dos principais pontos turísticos de Corumbá, conforme Figura 1.



Figura 1: Casa Wanderley & Baís.
Fonte: Ayala e Simon (1914).

Inicialmente o prédio era uma casa comercial de propriedade de Firmo José de Mattos e com razão social de Firmo de Mattos & Cia. E em seguida se tornou Firmo, Barros & Cia., pois seu genro Antônio Pedro Alves de Barros se tornou sócio. Após esses períodos de mudanças de razão social, “Em primeiro de julho de 1906, um novo contrato é realizado e com ele se forma a sociedade da empresa Wanderley, Baís & Cia. [...], quando o sócio Antônio Pedro A. Barros se retira da sociedade e entra Francisco Bernardo Baís” (TARGAS, 2012, p. 61). Num primeiro momento o prédio foi destinado ao comércio local, mas em seguida se tornou em uma casa de importação e exportação.

No início do século XX, a Casa Wanderley, Baís & Cia representou o maior estabelecimento comercial do antigo Estado do Mato Grosso, possuindo filiais em Aquidauana e Campo Grande. Durante muito tempo, o térreo do edifício abrigou a sede da 14ª agência bancária do Banco do Brasil, havia cerca de 16 agências bancárias na cidade, onde grande parte era internacional. Conforme Targas (2012), em 1938 a Comissão Mista Ferroviária instalou sua sede no primeiro andar do prédio. Após o ano de 1960 a Casa Wanderley & Baís ficou abandonada. Em 1992 foi tombada como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN).

Com a utilização de equipamentos tecnológicos de áudio e vídeo, o Muhpan tenta contar a História da ocupação Humana na Região do Pantanal, seu enfoque está restrito a contar a história no território pantaneiro. O Pantanal está localizado no centro da América do Sul, com 250 mil km² de extensão, ao Sul do Mato Grosso, ao nordeste do Mato Grosso do Sul, no território brasileiro, além de passar por terras Paraguias ao norte e terras bolivianas ao leste (FIGURA 2).

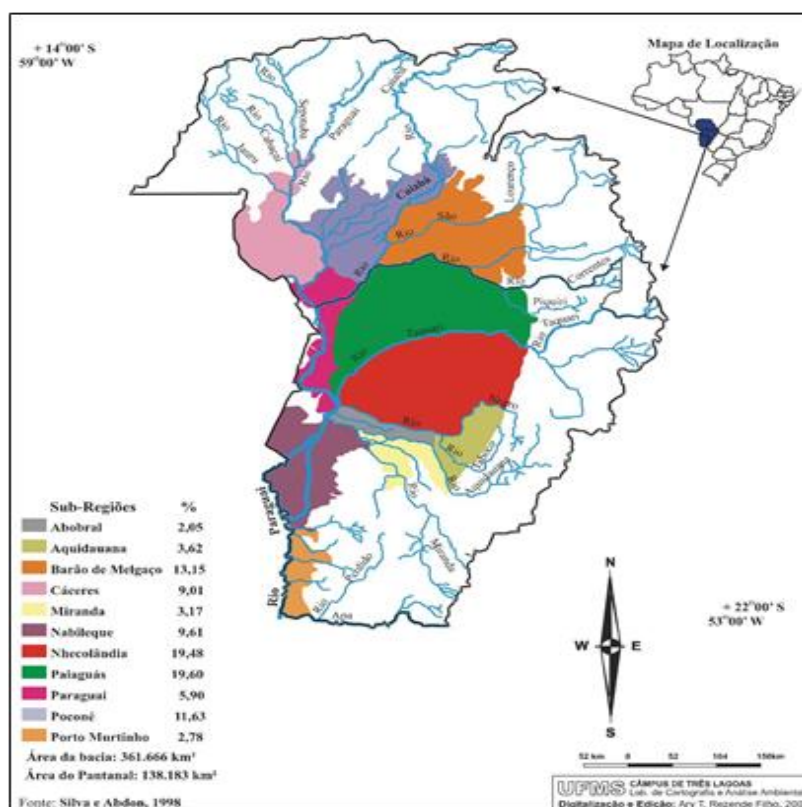


Figura 2: Mapa da localização e compartimentação do Pantanal.

Fonte: Silva e Abdon (1998).

Essa história no Pantanal é narrada desde os primeiros ocupantes até a atualidade, para isso o Muhpan subdivide o tema geral “Ocupação Humana no Pantanal” em vinte e quatro subtemas (salas), tais como: Dez Pantanaís, Arqueologia, Etnologia, Encontro das Civilizações, Conquista espanhola, Missões Jesuítas, Conquista portuguesa, Monções, Payaguás, Guaicurus, Tratados, Cidades e Fortes, Pintura Corporal, Expedição Científica, Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, Primeiras Fazendas, Guerra do Paraguai, Os Pioneiros, Telegráfos, Comissão Rondon, Porto de Corumbá, Ladrilho Hidráulico, Pecuária e Olhares ao Pantanal.

3. Visitas e aprendizados no espaço educativo do Museu de História do Pantanal

Ao final do ano de 2017, foi realizada uma pesquisa com alunos do segundo ano do ensino médio de uma escola pública estadual da cidade de Corumbá / MS durante uma visita que eles realizaram ao Museu de História do Pantanal (Muhpan). A intenção era investigar as interações que ocorrem entre o mediador, visitante e objetos da exposição no museu, comparando quais conhecimentos são assimilados durante a visita livre e visita orientada.

Para a realização da investigação, foi feita a opção pela pesquisa de natureza qualitativa, pois, conforme Lincoln e Denzin (2006), ela pode ser definida como:

[...] uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas

em seus cenários naturais, tentando interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (LINCOLN; DENZIN, 2006, p. 17).

Ao iniciar o processo de coleta de dados, inicialmente foi feito contato com a escola e estabelecido os acordos para a realização da pesquisa. Em data combinada, foi elaborado um questionário (neste estudo identificado como Questionário 1 ou Q1), que foi respondido por 50 alunos, que pertenciam ao 2º ano A e 2º ano B do Ensino Médio. No dia da visita, devido ao tempo chuvoso, somente metade dos alunos compareceram. Foi feito um sorteio aleatório, com números pares e ímpares, sendo então formado o Grupo A, com 12 participantes e grupo B com 13 participantes.

O Grupo A realizou a visita de forma livre, sem a companhia de um mediador. O pesquisador não entrevistou em momento algum, somente observou as ações que foram realizadas pelo grupo, tais como: objeto que mais se identificaram, as conversas que surgiram entre os estudantes, entre outros. Após o término da visita, que durou 40 minutos, esses mesmos alunos responderam ao mesmo questionário que já haviam respondido na primeira etapa da pesquisa (agora identificado como Questionário 2 ou Q2).

Cabe salientar que, no momento que o Grupo A realizou a visita livre, o Grupo B ficou no auditório do museu assistindo ao filme Lixo extraordinário. Em seguida, o Grupo B fez a visita ao museu, enquanto o Grupo A assistiu o mesmo vídeo.

De forma diferente do Grupo A, o Grupo B fez a visita orientada com auxílio de uma mediadora, a qual foi escolhida porque havia realizado estágio remunerado nos anos de 2015 e 2016 no Muphan, desempenhando essa mesma função, e ela tinha disponibilidade para o dia agendado para a pesquisa. A mediadora contou a história da ocupação humana na região do Pantanal, utilizando os acervos para despertar o interesse nos alunos. Após a visita, que durou 1 hora e 15 minutos, e que também foi filmada, os alunos responderam ao mesmo questionário que haviam respondido na escola.

4. Análise geral dos questionários preenchidos antes da visita ao Muphan

Ao analisar o questionário que foi aplicado no espaço escolar, antes da visita ao museu, foi possível notar que existem alguns temas que os alunos tiveram mais familiaridade e outras que desconheciam. O tema com maior nível de conhecimento demonstrado pelos alunos foi sobre o Pantanal, com 52%, quase empatando com aqueles que afirmaram não conhecer a mesma temática (48%). Já os temas mais desconhecidos foram: as Fazendas (86%); a Arqueologia (84%), os Indígenas (70%) e Trem do Pantanal (62%). Entre os temas com menor nível de conhecimento demonstrado pelos alunos, havia dois em que as porcentagens eram medianas, não havendo diferença significativa entre os que conheciam ou desconheciam a mesma temática, tais como: Guerra do Paraguai (58% desconheciam x 42% conheciam) e Porto de Corumbá (52% desconheciam x 48% conheciam). Importante ressaltar que muitos dos conhecimentos expressados pelos alunos, no preenchimento do questionário antes da visita ao museu, se apresentavam de forma superficial, mas ainda assim esses alunos foram considerados como se tivessem algum tipo de conhecimento.

Essa familiaridade ou desconhecimento sobre determinados assuntos podem estar relacionados com a falta de estudos anteriores, principalmente na escola, porque a história regional por muito tempo não fez parte dos currículos escolares. Na atualidade, percebemos uma sutil mudança, diante de sugestões de alguns temas regionais que devem ser trabalhados com os alunos. Então, tendo em vista que por anos os estudantes não tiveram o hábito de aprender dentro do espaço escolar, percebeu-se que estes alunos não tiveram a maturidade de conseguir adquirir alguns conhecimentos sozinhos, causando assim essa ausência de relatos sobre a história regional ao qual pertencem.

5. Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita livre

Após a realização do sorteio aleatório, entre os alunos que estavam no Muhpan no dia da coleta de dados, o grupo sorteado para fazer a visita livre contou com 12 (doze) alunos, cujo perfil pode ser observado por meio da Quadro 1. Para facilitar a identificação dos alunos, e ao mesmo tempo preservar suas identidades, foi utilizado o termo Vili (de Visita Livre), acrescida de uma letra do alfabeto.

Quadro 1: Perfil dos alunos que fizeram visita livre.

Identificação dos alunos	Sexo	Idade	Desempenho na escola, segundo a opinião dos alunos	Visitou o Muphan	Visita museus e centros culturais
Vili-A	Masculino	16	8	Não	Não
Vili-B	Masculino	17	6	Não	Não
Vili-C	Feminino	16	6	Sim, em 2015	Não
Vili-D	Masculino	17	6	Sim, 4ª série	Não
Vili-E	Feminino	16	8	Sim	Não
Vili-F	Masculino	16	6	Não	Não
Vili-G	Feminino	17	8	Sim, em 2015	Não
Vili-H	Feminino	18	8	Não	Sim
Vili-I	Masculino	19	6	Sim	Não
Vili-J	Feminino	16	6	Sim, em 2016	Sim
Vili-K	Feminino	16	10	Não	Não
Vili-L	Masculino	17	8	Sim, em 2015	Não

Fonte: Autoras, 2018.

É possível notar que entre esse grupo de alunos, 6 eram do sexo feminino e 6 do sexo masculino, sendo que mais da metade dos alunos afirmaram ter visitado o Muphan, mesmo não demonstrando que detinham muitos conhecimentos sobre as temáticas existentes no museu. Tal fato pode ser percebido mediante as análises do primeiro questionário, em que os entrevistados, em sua grande maioria, não apresentaram conhecimentos aprofundados ou que prévios sobre o museu.

De acordo com os questionários preenchidos pelos participantes do Grupo A, que fizeram a visita livre, foi possível perceber que os alunos tiveram algumas dificuldades, pois a aquisição de conhecimento deveria partir deles, durante o processo de leitura das placas informativas ou textos, diferente da visita orientada, em que a mediadora estimulava os visitantes a determinados conteúdos e objetos.

Entre os 12 participantes que fizeram a visita livre, foi possível notar, a partir da comparação individualizada do questionário prévio com o que foi preenchido após a visita ao museu, que 6 participantes não demonstraram muitos avanços, foram muito sucintos em suas respostas, repetindo basicamente as informações do primeiro questionário. Entre esses alunos podemos destacar:

Vili-A: Inicialmente o aluno respondeu “Não” para praticamente a maioria das indagações, exceto para a questão que se tratava sobre o Porto de Corumbá, que no Questionário 1 (Q1) apareceu “Não sei” e no Questionário 2 (Q2) descreveu: “Era utilizado para o desembarque de barcos que vinham de outros lugares”; também para a questão sobre a história retratada pelo Muhpan primeiro escreve “Não”, ou seja, desconhece a história tratada, e depois argumenta: “A história do Pantanal, Corumbá e a Guerra do Paraguai”. Este aluno não apresentou muito avanço após a visita, não existe uma resposta que possa ser considerada satisfatória.

Vili-B: De forma semelhante ao anterior, também esse participante da pesquisa não apresentou muito avanço com a visita ao museu, no Q1 o aluno praticamente respondeu “Não sei” para a maioria das questões e já no segundo questionário podemos perceber alguns avanços superficiais, pois quando o aluno é interrogado ele já não respondeu “Não sei”, mas ainda assim apresentou respostas vagas para as perguntas, porém já apresentou algo novo adquirido dentro do Muphan. Ao responder sobre os indígenas do Pantanal, no Q1 ele escreveu: “Não sei”; e no Q2: “Foram um dos primeiros habitantes do Pantanal, tentando passar seus conhecimentos”. Diferente do Vili-A, este estudante descreveu mais respostas para as perguntas do questionário 2, porém elas são sucintas, o que não nos permite afirmar que este adquiriu mais conhecimento que o outro.

Vili-C: Inicialmente no Q1, a aluna respondeu as questões de forma sucinta. Porém, no Q2, a aluna também não apresentou muitas diferenças em seus relatos. Assim como os dois entrevistados acima, as questões são respondidas de forma superficial. Quando interrogada sobre o Trem do Pantanal, no Q1 a aluna respondeu: “Não tenho conhecimento sobre o assunto” e no Q2 descreve: “Ele era muito utilizado pelo povo daquela época, para transportar embarcações e pessoas”. Podemos observar que, além de uma resposta vaga, a aluna explica que transportavam embarcações dentro dos trens, tratando-se de uma falha de entendimento por parte da aluna, que distorceu a informação fornecida pelo museu. De acordo com Correa e Correa (2015), o trem por mais de 80 anos serviu como transporte de pessoas e mercadorias, ligando Bauru até a Bolívia, passando por Corumbá. Os trens não tinham as funções de trazer embarcações, como foi dita pela entrevistada, mas está sim vinculado ao transporte de pessoas também dito por ela.

Vili-D, Vili-E e Vili-F: Os alunos responderam “Não”, “Nada” e “Não sei” para todas as questões. Com isso, percebe-se que, mesmo diante das placas e textos que foram observados por uns e descritos por outros participantes da pesquisa, não ficou marcado e expressado por esses três estudantes. Segundo a Vili-E, “As minhas respostas estão incompletas porque a minha visita foi livre e não tinha uma pessoa para me explicar. Tive muitas curiosidades, os textos eram muito grandes e não tivemos muito tempo para ler tudo. E tudo o que eu entendi, não sei explicar”. A forma pela qual a exposição é apresentada dentro do museu é considerada também uma forma de mediar o conhecimento até o visitante. Para Vieira (2009), há duas formas de comunicação dentro do museu: a comunicação interpessoal que é a desenvolvida entre o profissional do museu e o visitante e a comunicação de massas, que estão relacionadas com as exposições e seus acervos. Assim, há uma necessidade de as exposições serem atrativas, o que não se fez presente, segundo a Vili-E, que criticou a extensão dos textos.

Ainda segundo a Vili-E, existem problemas pelos quais explicariam a sua falta de entendimento durante a visita ao museu, que seria a falta de um mediador que facilitaria o aprendizado. O papel do mediador é um fator relevante, pois conforme Nascimento (2008, p.12), “[...] consiste em auxiliar o indivíduo a perceber e interpretar seu ambiente. Uma pessoa, o mediador, auxilia o outro a reconhecer certas características importantes, físicas e sociais, de sua experiência presente ou passada”. Com isso, a falta do mediador, e essa dependência do outro para aprender, pode ter dificultado o aprendizado dos alunos que receberam a visita livre e em especial Vili-E. Além do mais, a entrevistada também aponta a dificuldade de expressar os seus entendimentos.

Por outro lado, 6 participantes da pesquisa demonstraram alguns avanços na comparação entre os dois questionários, como é o caso dos seguintes estudantes:

Vili-G: A aluna respondeu que não tinha o hábito de frequentar espaços museológicos ou centros culturais da cidade e no primeiro questionário apresentou dados superficiais sobre a temática investigada, enquanto no segundo demonstrou ter ampliado a sua compreensão. Ao responder sobre as primeiras fazendas no Pantanal, a aluna inicialmente escreveu: “Não sei nada sobre as fazendas, as histórias, pois nunca ouvi” e depois da visita afirmou: “A fazenda Jacobina foi uma das mais antigas propriedades rurais de Mato Grosso. Foi fundada em 1772, em plena época colonial”.

Também sobre o Trem do Pantanal, a Vili-G explicou primeiramente: “Não sei sobre o Trem do Pantanal”; e posteriormente: “Era usado como o único meio de transporte da população e de exportação no comércio pantaneiro”. Nas respostas da Vili-G, podemos perceber um pouco mais de domínio de conteúdo. Um exemplo refere-se à indagação sobre o Porto de Corumbá, que no Q1 descreveu: “É um ponto turístico de Corumbá, onde a população aproveita o seu tempo livre com a família e os amigos”. Já no Q2, após a visita e entender a importância histórica do Porto geral, esclareceu: “Antigamente o comércio internacional se intensificou e as matérias-primas originárias do Centro-oeste passou a exportar pelo porto de Corumbá. Hoje em dia é mais usado para turistas, pescadores e lazer”. Tais relatos sugerem que houve uma ampliação de ideias, que supõe construção de conhecimento.

Vili-H: A aluna apresentou evolução nas respostas do Q1 comparadas com o Q2. Primeiramente a participante da pesquisa utiliza demasiadamente a expressão “Não sei” e nas questões que ela tenta responder escreve de forma mais sucinta. Enquanto no Q2 ela avançou em suas ideias, visto que Q1, ao comentar sobre o Trem do Pantanal, explicou que “Eu fui no trem do museu, parece que você está andando nele, pois antigamente era o meio mais rápido de transporte”. Já no Q2 esclareceu: “Era utilizado como meio de transporte para todos e comércio, muito utilizado tinham pontos tudo para ser utilizado, hoje já não utilizamos mais como transporte de pessoas, hoje é para minérios, ferrovias para trabalhos”.

Vili-I: No Q1, inicialmente o aluno escreveu em três questões “Não sei” e nas demais apresenta respostas superficiais. No Q2, quando indagado sobre os indígenas do Pantanal ele explicou: “Chegaram antes de Cristo, caçavam, comiam e conseqüentemente viveram nesse lugar cheio de animais”. Em contrapartida, no Q2, o aluno sintetizou: “Não sei nada sobre”. Percebemos que em algumas questões houve avanços superficiais e em outras situações não houve mudanças, como pode ser reparado nas questões 11 e 16, ao ser indagado sobre a arqueologia pantaneira e sobre as primeiras fazendas, respondeu tanto no Q1 quanto no Q2: “Não entendi”, “Não conheço”, “Não consegui compreender, tive dificuldades”.

Vili-J: A aluna já identifica que frequenta museus rotineiramente. No Q1 descreveu as respostas de forma sucinta e no Q2 ela apresenta informações com mais dados específicos. Quando questionada sobre o Trem do Pantanal, ela explicou: “A estação de Porto esperança foi inaugurada em 1912. Era e foi por muitos anos o ponto final da linha tronco Noroeste do Brasil. Para chegar a Corumbá, o percurso era de barco em 12 horas”. Em continuidade, quando interrogada sobre a Guerra do Paraguai argumentou: “Durante a ocupação, a navegação no Rio Paraguai foi interrompida. A cidade de Corumbá foi destruída, saqueada, abandonada a miséria”. Como pode ser observado, há uma modificação nas respostas, já que no Q2 as suas respostas apontam dados de histórias ocorridas e relacionados ao assunto questionado.

Vili K: Ao realizar a comparação dos seus questionários, percebemos que no Q1, a aluna além de responder de forma superficial, também colocou muito a palavra “não sei”. E já no Q2, ela conseguiu aprofundar um pouco mais o conteúdo. Quando questionada sobre a arqueologia Pantaneira, no Q1 respondeu “não sei” e já no Q2 descreveu: “Fundamental para descobertas importantes e materiais históricos que revelam sobre a história de Corumbá e do Pantanal”. Em continuidade, quando indagada sobre o Porto de Corumbá, escreveu inicialmente “não sei” e após a visita argumenta: “Nele era realizado a exportação de mercadorias e tráfico de escravos. Também recebia imigrantes da Europa, Oriente Médio e América do Sul”. Como é possível notar, há um avanço importante, se for considerado o que escreveu nos dois questionários. Segundo a Vili-K, ela teve muita dificuldade de aprendizado dentro do museu, devido a exposição das placas e acervos.

A minha visita foi livre. Tive um pouco de dificuldade para compreender o assunto em geral. As placas não estavam explicando direito, era necessário a ajuda de uma mediadora para

explicar os fatos, pois as placas de explicações continham muito texto e na hora de ler acaba sendo exaustivo ler tanto texto para depois compreender (VILI-K).

Conforme mencionado anteriormente, a forma de exposição apresentada pelos museus é capaz de transmitir conhecimento ao visitante, porém, Vieira (2009, p. 9) salienta que essa forma de comunicação presente nas exposições e seus acervos, “[...] é mais passivo e feito de forma unidirecional. Existe um emissor que elabora uma mensagem e que a transmite, de forma indireta, ao receptor por meio de uma exposição, de uma publicação ou de algum meio interativo”. Dessa forma, a ausência da comunicação por meio da exposição indica a necessidade de um mediador, ou seja, se a comunicação da exposição fosse eficaz, o visitante não sentiria a ausência do mediador. Segundo a visitante, a falta de aprendizado está relacionada com a falta de um mediador ou a má exposição das placas explicativas, não permitiam que o espaço se tornasse atrativo e estimulasse os visitantes a ler e se aprofundar.

Em relação à importância do mediador nos espaços museológicos, Franz (2001, p. 53) compreende que “O papel do guia, seja ele um profissional do museu ou um professor de classe, é o de mediar a observação de forma que ela seja aproveitada ao máximo”, acrescenta que “[...] mais do que dar respostas, ele [mediador] deve ensinar a fazer boas perguntas, a problematizar, ele deve levar o aluno a mobilizar seu próprio potencial em torno da obra apresentada”.

A Vili-K também acrescentou: “[...] tive curiosidade em ler os livros que estavam dentro dos vidros [diários de bordo, tratados], mas por ser muito extensos desestimulava o aprendizado”. Além de se tratar de documentos de época com linguagem e escrita diferenciadas, talvez o tamanho por serem volumes grandes, a aluna percebe que não havia possibilidade de fazer a leitura naquele momento, mesmo que não tenha sido determinado um tempo máximo para a realização da visita livre. Para Marandino (2002, p. 199), o texto específico de um museu deve considerar, em sua estrutura, formato, edição e linguagem, as características do espaço e a maneira com que o público age no local. Na elaboração textual, deve-se atentar para “[...] o tamanho de letra, distância entre letras e palavras, entre linhas, com a qualidade visual, cor, iluminação, preservação, pensando assim naquele leitor que visita o espaço e que em geral realiza uma forma específica de interação”.

Por outro lado, o fato de a aluna ter demonstrado curiosidade de entender melhor o que estava exposto é considerado interessante, visto que, conforme Figurelli (2013), a expografia dos museus deve despertar curiosidades e oferecer autonomia para que os visitantes possam ter suas próprias reflexões, afinal se trata de um processo educativo que contribui para a formação das pessoas.

Vili- L: No Q1 o aluno em todas as questões respondeu “Não tenho”, “Não sei”, “Não faço ideia, sinto muito”. Já no segundo questionário podemos perceber que ele apresentou algumas informações a mais sobre o que é indagado, o que não significa que as respostas foram aprofundadas, mas sim, superficiais. Quando questionado sobre a arqueologia pantaneira, ele escreveu “Os arqueólogos descobriram um esqueleto de um cavalo há 30 mil anos atrás”. Na comparação do Q1 com o Q2, podemos perceber um avanço singelo sobre as questões que foram realizadas.

Ao analisar a visita livre realizada pelos 12 alunos, devemos levar em consideração que o aprendizado depende muito da atitude e predisposição dos alunos, que têm certa autonomia para querer aprender algo, ou para somente passar pelo circuito expositivo do museu. Tal fato ficou bem evidente, pois durante a visita, por estarem livres, alguns alunos não se preocuparam em ler ou olhar imagem alguma, queriam mais dialogar entre si ou fotografar-se. Por outro lado, havia alguns alunos que demonstraram maior interesse e esse grupo lia as informações das placas ou observava mais atentamente os detalhes.

Cabe salientar que os alunos na visita livre não terminaram todos ao mesmo tempo, um grupo de 8 alunos, por exemplo, foram os primeiros a chegar na “Sala Olhares” e aproximadamente 10 minutos depois é que chegaram o restante do grupo. Tal fato indica que o aprendizado está

relacionado a predisposição do indivíduo, por isso alguns alunos aprenderam algo e outros não. Como também está relacionado a bagagem cultural que cada indivíduo traz consigo. Muitas vezes por já conhecer alguma história retratada pelo museu, tem mais facilidade de aprender do que outro que nada sabe sobre o tema. Nesse sentido Botelho (2001) destaca que o contexto social onde as pessoas vivem é muito importante, visto que os gostos e a bagagem cultural, que é construída ao longo da vida e das relações de sociabilidade de cada ser humano, vão influenciar no processo de aproveitamento que cada pessoa terá no contato com as expressões artísticas e culturais.

Ao analisar o Q1, percebemos que a grande maioria dos entrevistados não detinha conhecimento, alguns avançam no segundo questionário, mas outros continuaram da mesma forma que antes da visita ao museu. E mesmo os que avançam, não significa que dominam o conteúdo sobre a história do Pantanal, somente apresentaram conteúdos superficiais e gerais sobre essa importante história.

6. Análise das opiniões dos alunos que fizeram a visita orientada

Após a realização do sorteio aleatório para a realização da coleta de dados no Muphan, o grupo que fez a visita orientada, foi composto por 13 (treze) alunos, conforme o Quadro 2, a identificação de cada participante se caracteriza pela abreviação Vior (de visita orientada) seguida por uma letra do alfabeto.

Quadro 2: Perfil dos alunos que fizeram a visita orientada.

Identificação do aluno	Sexo	Idade	Desempenho na escola, segundo a opinião dos alunos	Visitou o Muphan	Visita museus e centros culturais
Vior-A	Masculino	17	8	não	Não
Vior-B	Feminino	19	8	Sim, 2015	Não
Vior-C	Masculino	18	8	não	Não
Vior-D	Feminino	18	8	não	Não
Vior-E	Feminino	16	8	Sim, 7ºano	Não
Vior-F	Masculino	18	8	não	não
Vior-G	Feminino	16	6	Sim, 2014	não
Vior-H	Masculino	16	6	Sim, 2014	Não
Vior-I	Masculino	18	8	não	Não
Vior-J	Feminino	16	8	não	Não
Vior-K	Masculino	17	8	Sim,2015	Não
Vior-L	Masculino	17	8	Sim, 2015	Não
Vior-M	Feminino	17	8	sim	Não

Fonte: Autoras, 2018.

É possível notar que entre esse grupo de alunos, 6 eram do sexo feminino e 7 do sexo masculino e mais da metade já tinha visitado ao Muphan anteriormente, mas também não demonstraram que já tinham muitos conhecimentos sobre o museu. Fato que pode ser percebido durante as análises do primeiro questionário, em que os entrevistados em sua grande maioria não apresentaram muitos conhecimentos relevantes. Um fato interessante é que todos responderam que não tinham o hábito de visitar museus e centros culturais, ou seja, se frequentaram o museu em outros anos, como foi relatado por eles, significa que esses espaços têm sido visitados quando as escolas têm essas iniciativas.

Alguns alunos assim responderam se costumavam visitar museus ou centros culturais: “Não, não tenho muito interesse” (Vior-M), “Não muito, bem difícil na verdade” (Vior-H), ou “Não, só

quando são passeios programados pela escola” (Vior-E). De acordo com Grinspum (2001, p. 118), “[...] as escolas acabam assumindo esse dever isoladamente, o que as tornam uma das grandes responsáveis pela relação entre alguns grupos sociais no museu” sugerindo que a escola possui a função de aproximar os grupos sociais dos museus e contribui para diminuir as lacunas sociais, no que se refere ao acesso dos alunos nos espaços culturais.

A visita orientada é uma atividade bastante utilizada por ser atrativa e motivadora, ampliando o relacionamento visitante, mediador e objeto da exposição. Neste tipo de visita, o mediador conta toda a história exposta no circuito expositivo do museu e tem a oportunidade de conhecer os visitantes, seus interesses e curiosidades, a bagagem que ele traz consigo e assim poder adaptar a visita de acordo com a realidade de cada visitante. Nesse sentido, Requeijo, et al. (2009) afirmam:

Na visita orientada [...], procura-se estabelecer discussões que valorizam o conhecimento prévio dos alunos, sendo ele científico, religioso, oriundo do saber popular, entre outros. Nesse momento, o mediador utiliza questões motivadoras para estabelecer um diálogo sobre os assuntos relacionados às exposições. As questões motivadoras procuram ir além da transmissão de conteúdos e buscam estabelecer relações entre a ciência e o dia a dia, a história, a cultura, e que frequentemente são deixados de lado. É por meio das respostas dos alunos que o próximo passo é construído, ou seja, as relações estabelecidas em um espaço são o “gancho” para a tomada de um novo assunto no mesmo ou em outro espaço (REQUEIJO, et al. 2009, p. 5).

Conforme a análise dos questionários, percebemos que todos os participantes apresentaram um possível avanço inicial e superficial diante do primeiro para o segundo questionário, contrapondo assim os alunos que realizaram a visita livre, visto que alguns tiveram avanços e outros não. Tais pressupostos podem ser evidenciados nas ideias transmitidas pelos participantes da pesquisa nos dois questionários: o que foi preenchido na escola (Q1) e o que foi preenchido logo após o término da visita orientada (Q2).

Vior-A: Inicialmente o aluno praticamente respondeu “Não” para a maioria das indagações, exceto para a questão que se tratava sobre a Guerra do Paraguai. Nesta questão ele escreveu: “Foi por causa de um acordo que não deu certo e o imperador paraguaio mandou atacar o Brasil”. Segundo Corrêa e Corrêa (2013), a Guerra do Paraguai ocorreu entre os anos de 1865 a 1870 entre quatro países da América do Sul: Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. As motivações para este conflito internacional estão pautadas em várias hipóteses, porém as duas mais aceitas são: o interesse paraguaio de conquistar terras na região da Bacia do Prata, a fim de ter uma saída para o mar. E a segunda seria o interesse inglês no declínio Paraguai devido ao seu destaque na América no Sul, e com isso um investimento inglês ao Brasil.

Na análise do Q2 percebemos que o aluno respondeu todas as questões, o que não havia realizado no Q1. No questionamento sobre os indígenas no Pantanal, ele descreveu: “Estavam aqui antes dos Portugueses e Espanhóis, eles não usavam caixões e sim urnas, sua vida era primitiva e eles acreditavam que a sucuri era um castigo da natureza”. Na questão sobre a Guerra do Paraguai, o aluno explicou: “Solano Lopes foi quem começou a guerra por um acordo que não o beneficiou ele atacou o Brasil e depois seu exército estava perdendo começou a colocar jovem na guerra e ele foi morto pelo exército brasileiro”. Diante das respostas do Vior-A, presente no Q2, percebemos um avanço se comparado com o Q1. Não significa, porém, que o aluno se tornou especialista na área, pois suas respostas, mesmo com maiores informações, ainda podem ser consideradas superficiais.

Vior-B: Após análise dos dois questionários, percebemos que a Vior-B teve um avanço, porém mais modesto se comparado com o Vior-A. No primeiro questionário a aluna apresentou as respostas “Não sei” para a maioria das questões, somente sobre o Porto de Corumbá escreve que “É um ponto turístico mais visitado”. O porto geral de Corumbá é muito mais que somente um ponto

turístico. Para Corrêa e Corrêa (2013), após a Guerra do Paraguai, o Porto Geral de Corumbá voltou a crescer e se tornou um entreposto comercial do Mato Grosso. Estimulando a vinda de imigrantes de diferentes etnias e o crescimento econômico e populacional. E sobre os indígenas do Pantanal explicou que “Foram os primeiros povos a habitar-se ao Pantanal”. Já no Q2, todas as questões são respondidas, porém de forma simples e vaga, tais como: sobre a arqueologia pantaneira afirmou que “São os animais, as pessoas do ribeirinho, vestimentas, a extensão do Pantanal”; sobre o trem do Pantanal argumenta que “Não sei. Não entendi a explicação porque fiquei entretida nas imagens, figuras, etc”; sobre a Guerra do Paraguai aponta que “Era um exército feito por militares, onde houve muitos conflitos”. As respostas dadas por Vior-B se assemelham muito aos questionários respondidos pelos alunos que receberam a visita livre, no sentido de as respostas serem diretas e não explicarem muitas das informações.

Vior-C: Na análise realizada nos questionários 1 e 2, percebemos um certo avanço. No Q1 a maioria das questões teve como resposta “Nunca nem vi”, “Não conheço”, “Nunca ouvi falar”. Já no Q2, ao responder sobre as mesmas questões que antes afirmou não conhecer e nem ter visto ou ouvido falar, posteriormente apresenta novas explicações: sobre a arqueologia pantaneira, por exemplo, o aluno escreveu que “Eles encontraram vários objetos e desenhos da arte rupestre, onde relataram mais ou menos como foi naquele tempo”; sobre o Trem do Pantanal, sintetiza: “Um dos principais meios de transporte para se locomover”.

Vior-D: No primeiro questionário a aluna respondeu “Não sei” para a maioria das questões, mas sobre o Pantanal, escreve primeiramente: “É um bioma que apresenta muitas áreas inundadas” (Q1); posteriormente demonstra ter ampliado sua visão: “Tem 10 pantanais e cada um tem suas vegetações e fauna. É difícil aparecer alguns animais, muitas vezes, com a enchente, os animais saem de suas casas para procurar abrigo em lugar seco” (Q2). Ao final do segundo questionário, a participante da pesquisa deixou claro que não havia visitado o museu e que considera ter sido a visita importante para conhecer a história regional: “Amei o museu, nunca tinha visitado antes, gostei de muitas coisas, achei interessantes as coisas antigas, achei tudo encantador, não sabia muitas coisas sobre a nossa história, achei lindo que muitos casais passavam a lua de mel no trem”. A entrevistada Vior-D enfatizou sobre a importância da visita realizada, sendo capaz de aprender sobre o passado e, nesse sentido, Degelo (2009) considera que a relevância dos museus consiste na guarda de objetos de uma história comum, necessários à identificação de uma cultura, à promoção da relação entre o passado e o presente. Assim, os museus garantem ao indivíduo uma reflexão da história, da memória e da construção de sentido.

Vior-E: Conforme a comparação entre os dois questionários da entrevistada Vior-E, podemos perceber que no primeiro a aluna respondeu “Não sei” para todas as questões, já no segundo questionário todas as indagações foram respondidas. Sobre o Trem do Pantanal, por exemplo, explica que “Tinham vagões para pessoas pobres, que usavam sacos e trapos de roupas e vagões para pessoas com mais condições, com camas, usavam maletas”. Importante ressaltar que a visitante percebe as diferenças de classes existentes dentre os passageiros do trem do Pantanal, fato esse que é descrito acima e exemplificado por Vior-E através da descrição dos acervos observados.

Vior-F: Após a análise e comparação dos dois questionários, podemos perceber que inicialmente, em determinadas perguntas, o aluno não detinha conhecimento, pois quando foi interrogado sobre os indígenas do Pantanal, no Q1 escreveu “não conheço”, enquanto que no Q2 explica que “Eles eram muito cheios de rituais, faziam pinturas para poderem casar ou quando iam comemorar alguma festa”. A mesma situação ocorreu em relação à arqueologia pantaneira, visto que no Q1 escreve “não sei” e já no Q2 aponta que “É onde as escavações faziam marcações em épocas para achar vestígios e relíquias antigas”. Ao final do Q2, o aluno acrescenta que aprendeu muitas coisas que não sabia e que a visita ao Muphan foi muito interessante: “Bom uma das coisas que mais me interessou no museu foi um crânio de um cavalo muito antigo. Eu não sabia que o cavalo veio da

Arábia, queria aprender e estudar mais sobre a vida deles. Foi uma visita muito interessante aprendi coisas que eu nem sabia que tinha em Corumbá”. Apesar de ter 18 anos, o

Vior-F reconheceu que aprendeu muitas coisas diferentes sobre a região em que ele vive e tais ideias conformam os pressupostos de Figurelli (2013) de que é necessário que os museus ofereçam subsídios para que as pessoas possam entender o contexto nas quais encontram-se inseridas.

Vior-G: No Q1 a aluna respondeu “Eu não entendi nada”, “Nunca nem vi”, “Tô lembrada não”, “Não sei”, “Não sei de nada” e “Não me recordo” para todas as indagações. Ao final do questionário, a aluna deixou claro que respondeu desta forma, pois nunca ouviu falar ou estudou sobre tais temas: “As perguntas acima eu nunca ouvi falar e também não estudei sobre isso”. Já no Q2 a entrevistada apresenta avanços em alguns temas, especialmente sobre o Pantanal, pois no Q1 ela afirmou “Eu não entendi nada” e no Q2 compreende “Que não é só onça, tuiuiú e essas coisas que viveram aqui. E que o rio Paraguai começa em Cáceres e acaba na Argentina”. Porém, em algumas questões não conseguiu avançar, como a Guerra do Paraguai que no Q1 ela escreveu “Não sei de nada” e no Q2 justificou que “Não me recordo”. Importante ressaltar que mesmo avançando em alguns temas, a aluna não demonstrou avanços em alguns outros.

Vior-H: No primeiro questionário o aluno respondeu as questões de forma vaga: “Sobre os indígenas, esse não sei muito até porque é difícil ouvir falar deles”; sobre as primeiras fazendas pondera que “Estão cada vez maiores”. Já no Q2, em relação às mesmas indagações anteriores, o aluno salientou:

A população indígena tinha em grande parte no rio Paraguai, mostrou as armas deles, quando eles morriam eram colocados em urnas. [...] As primeiras fazendas de Corumbá acho que foi criadas por missões jesuítas que ajudavam os índios, mas também os exploravam (VIOR-H).

Vior-I: Após análise e comparação entre os dois questionários respondidos pelo aluno, podemos perceber que houve um avanço importante, tendo em vista que, sobre os indígenas do Pantanal, no Q1 respondeu “Não sei” e já no Q2 argumentou “Contam a história de como que eram eles, ou seja, como sobreviviam e quais instrumentos utilizavam”. Sobre o Trem do Pantanal, no Q1 entendeu que “Era o principal meio de transporte dos corumbaenses” e já no Q2 enfatizou que “Esse meio de transporte tinha efeito de ligar o porto de Santos e passou por várias cidades, uma delas Corumbá, até chegar ao Peru. Só que isso não deu certo e chegou ao Porto Esperança”.

Vior-J: Ao estabelecer comparações entre o Q1 e Q2, podemos perceber que houve avanço, pois ao responder sobre a arqueologia pantaneira, no Q1 a aluna responde “Não sei” e já no Q2 considera que “São as representações simbólicas, mapas míticos e são os sinais de onde viviam, de rios e lagoas, com forte sentido para a pessoas da época”. Sobre o Porto de Corumbá, no Q1 a aluna disse “Não sei”, enquanto no Q2 respondeu: “O porto de Corumbá ela era muito utilizado para os transportes de barcos e com a chegada dos portugueses, muita gente ficava aqui”. Na comparação entre os dois questionários, torna-se evidente que no Q1 a aluna não conseguiu responder as questões solicitadas e no Q2 ela respondeu todas as questões. Se for comparada com os demais questionários preenchidos pelos outros alunos, o questionário Q2 da Vior-J se apresenta com informações consideradas muito relevantes.

Vior-K: Após análise dos questionários, podemos perceber que Vior-K em seu primeiro questionário ele respondeu todas as questões, porém as suas respostas foram superficiais como pode ser observado na seguinte questão, quando interrogado sobre o Pantanal ele salientou: “As várias culturas do Pantanal, comidas e as paisagens”. Diferente dos demais, por mais que tenha respondido de forma superficial, desde seu primeiro questionário ele já apresenta ter uma ideia sobre o assunto tratado sobre o Muphan. Quando interrogado sobre o Porto de Corumbá, no Q1 explicou: “As cidades antigas, as construções que são desde os antigos moradores” e no Q2 argumentaram: “Os antigos prédios que existem até agora, as embarcações que levavam coisas muito importantes”. Quando

interrogado sobre os indígenas do Pantanal, no Q1 escreveu: “As culturas dos povos indígenas, as típicas comidas deles, as frutas que eles usavam para pintar seus corpos”. No Q2 analisou: “As culturas, os modos deles vestir, o jeito que ficava o corpo deles cheios de pinturas”.

Vior-L: Mediante a análise dos dois questionários, percebemos que a Vior-L teve um avanço, porém modesto sobre o Q1 e Q2. No primeiro questionário o aluno apresenta muitas respostas simples, como também nos diz: “Não sei, porque não lembro”. Já no Q2 o aluno respondeu a todas as questões, não significa que seu conhecimento aprofundou. Quando interrogado sobre o Trem do Pantanal no Q1 reconheceu: “Não sei, porque eu não lembro”. Já no Q2 o aluno escreveu: “A estrada de ferro foi uma das mais importantes do Centro-Oeste brasileiro do século XX”. E quando interrogado sobre a Arqueologia Pantaneira, no Q1 explicou: “É descobrir as coisas antigas, tanto objetos, gravuras, cidades perdidas, pinturas, esculturas”. E no Q2 respondeu: “A arqueologia estuda objetos antigos, gravuras, pinturas, cidades perdidas, múmias etc.”

Vior-M: Na análise realizada nos questionários 1 e 2, percebemos um certo avanço. No Q1 a maioria das questões teve como resposta “Não sei” ou respostas muito vagas. Já no Q2, ao responder sobre as mesmas questões que antes afirmou não conhecer e nem ter visto ou ouvido falar, posteriormente apresentou novas explicações. Quando interrogada sobre a Arqueologia Pantaneira, no Q1 respondeu: “Não sei” e já no Q2 argumentou: “Desenterravam vários fósseis raros dos índios que viveram aqui, potes, panelas de barros”. Quando interrogado sobre a Guerra do Paraguai, no Q1 escreveu: “Não sei” e no Q2 reconheceu: “Não sei, só um pouco, pois eles queriam o território de Mato Grosso do Sul”. E quando interrogado sobre o Porto de Corumbá, por exemplo, o aluno escreveu que “Eles encontraram vários objetos e desenhos da arte rupestre, onde relataram mais ou menos como foi naquele tempo”; sobre o Trem do Pantanal, sintetizou: “Um dos principais meios de transporte para se locomover”.

7. Visita Livre X Visita Orientada: possíveis comparações entre os grupos de alunos

Após fazer a análise geral dos dados relativos ao primeiro questionário, preenchido na escola pelos 50 participantes da pesquisa, em seguida analisar separadamente somente os questionários do Grupo A, que fez visita livre, e do Grupo B que fez visita orientada, nesse momento entendemos que é importante fazer uma análise comparativa entre ambos os grupos, com base nas respostas dos questionários, na observação e filmagem ocorrida durante a realização da visita ao circuito expositivo do Muphan.

Logo após o sorteio e divisão dos dois grupos e decidido que o Grupo A faria primeiramente a visita livre, foi possível notar que logo no início os alunos foram se subdividindo e, conseqüentemente, não realizaram a visita ao mesmo tempo. Enquanto alguns terminaram a visita em 26 minutos, outros demoraram 40 minutos para livremente ver tudo o que tinham interesse ou curiosidade.

Durante o percurso realizado pelos alunos da visita livre, dentro do museu, foi possível notar que os temas ou salas que demonstraram maior interesse, ou que ficaram mais tempo observando, foram os do primeiro pavimento, caracterizado arqueologia, urna funerária, missão jesuíta, forte Coimbra, pintura corporal Bororo, Trem do Pantanal. No segundo pavimento houve maior interesse pela Guerra do Paraguai e Porto de Corumbá. Importante ressaltar que os alunos não realizaram leituras das placas nestas salas, alguns até iniciaram a leitura, mas não as completavam. Eles observavam mais os objetos que estavam expostos no circuito expositivo do museu. Conforme Julião (2006), os acervos dos museus são entendidos como importantes referências para se entender as histórias contadas nesses espaços educativos, visto que, por si só, já carregam consigo muitos significados e histórias. A partir dos acervos, é possível compreender as necessidades humanas, nos mais diversos períodos, conhecendo suas estratégias de sobrevivências, resultando em importantes meios de aprendizagem.

O grupo B fez a visita orientada com a presença de uma pessoa que por dois anos desempenhou a função de mediadora no Muhan e, portanto, ela já tinha prática de desenvolver essa atividade. A mediadora iniciou a visita na sala Dez Pantanaís e foi percorrendo o circuito expositivo do museu. Quando chegou à sala da urna funerária, um aluno perguntou sobre como era feito o ritual de funerário. A visita continuou e foi possível notar, mediante análise das filmagens, que alguns alunos ficaram em grupo ouvindo a mediadora, mas outros permaneceram distantes e só preocupados em tirar fotografias.

Esta visita orientada teve a duração de 1 hora e 15 minutos e os alunos seguiram as iniciativas da mediadora e assim não tiveram a autonomia de escolher as salas que mais gostaram e sim as salas que a mediadora parava para realizar a explicação. Por meio da análise das imagens obtidas com a filmagem, foi possível notar que as salas em que os alunos pararam e receberam explicações da mediadora foram as seguintes: Dez Pantanaís, Arqueologia, Etnologia, Missão Jesuíta, Forte Coimbra, Pintura Corporal Bororo, Trem do Pantanal, Guerra do Paraguai, Telégrafo, Comissão Rondon, Porto de Corumbá e Sala Olhares. Importante ressaltar que a mediadora não explicou todos os temas contados pelo Museu, mas fez uma seleção dos temas ao qual transmitiu a esse grupo, talvez porque já não estava atuando mais na função de mediadora no Muhan e destacou o que para ela era considerado mais relevante. De forma semelhante, um estudo realizado por Pereira e Valle (2017) mostrou que os discursos dos mediadores variam conforme o público visitante.

De acordo com os funcionários entrevistados, as visitas não seguem um padrão e variam de acordo com os visitantes. Para eles, o público principal é composto pelas escolas de Educação Básica, que agendam as visitas monitoradas, cuja a duração é de cerca de trinta minutos. Nesses casos, de acordo com M1, os monitores consultam os professores para saber qual o objetivo da visita, sendo que, segundo ele, a maioria visa a contribuição dos conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula. Tanto M1 quanto M2 relatam que o público em geral fica mais livre durante a visita, realizando visitas rápidas, com registros fotográficos. Nesses casos, os monitores sempre ficam à disposição para sanar dúvidas ou mesmo fazer todo o percurso, desde que solicitado pelo visitante (PEREIRA; VALLE, 2017, p. 839).

Por outro lado, é possível afirmar que os alunos que fizeram a visita orientada, tiveram contato com dois tipos de linguagem dentro do Muhan: a verbal utilizada pela mediadora e a linguagem de imagens, símbolos e escrita existente no museu. Ao comentar sobre a linguagem interpessoal, representada pelo mediador, Vieira (2009, p. 9) destaca que “Este tipo de comunicação é facilmente observável nas visitas guiadas, em oficinas pedagógicas ou em outras atividades desenvolvidas pelos museus em que existe um contato direto entre um pequeno grupo de visitantes e os funcionários do museu”. Já em relação a comunicação de massas, caracterizada pelos acervos e textos expositivos, representados por objetos que trazem consigo a história do período ao qual fizeram parte, o referido autor considera que “[...] este tipo de comunicação é mais passivo e feito de forma unidirecional. Existe um emissor que elabora uma mensagem e que a transmite, de forma indireta, ao receptor por meio de uma exposição, de uma publicação ou de algum meio interativo”. Importante ressaltar que durante a pesquisa foram realizadas a visita livre e a visita orientada, nas quais estavam presentes a comunicação interpessoal e a comunicação em massas.

Diante dos questionários preenchidos pelos alunos, tanto da visita livre como da orientada, percebemos que houve um avanço superficial, mais na visita orientada do que na visita livre, pois na análise dos questionários da visita orientada todos tiveram um avanço, mesmo que seja modesto. Diferente da visita livre, em que teve casos de alunos que não avançaram, como se nunca tivessem visitado o museu. Porém, de forma geral, os alunos apresentaram muitas informações superficiais tanto no grupo A como no B e, ao compararmos os questionários com mais informações do grupo A (visita livre) e B (visita orientada), notamos que houve pouca diferença de conhecimento sobre a visita ao museu. Ou seja, quem fez a visita orientada não simboliza ter um avanço superior se

comparado com quem fez a uma visita livre. Tal pressuposto é relativo e depende muito da predisposição do visitante dentro do museu, como destaca Costa e Brigola (2014, p. 128), que é necessário compreender “[...] o quanto os diferentes segmentos de visitantes percebem as mensagens museológicas emitidas por meio dos objetos e espécie de coleções, além do grau de interesse que estes espaços despertam”.

Dessa forma, percebemos que cada visitante possui motivações diferentes, como diversão, passeio, cultura, adquirir conhecimento entre outros. Então, se o visitante não está com pré-disposição em aprender, a linguagem do mediador ou do acervo, mesmo sendo atrativa, não vai conseguir fazer com que o visitante adquira conhecimentos.

8. Considerações finais

Diante do propósito da pesquisa, que consistiu em investigar as interações que ocorrem entre o mediador, visitantes e objetos da exposição no museu, comparando quais os conhecimentos são assimilados durante a visita livre e visita orientada, para a realização da pesquisa, inicialmente foram feitos estudos bibliográficos, para melhor entender sobre a origem dos museus, bem como a história da construção do Museu de História do Pantanal na cidade de Corumbá / MS em 2008.

Quanto aos dados obtidos por meio da pesquisa de campo, por meio da análise geral dos questionários preenchidos pelos 50 alunos do segundo ano do ensino médio, antes da visita ao Muphan, foi possível notar que existem alguns temas que os alunos tiveram mais familiaridade e outros que desconheciam.

Em relação aos questionários preenchidos pelos 12 alunos que fizeram a visita livre, bem como pelos 13 estudantes que fizeram a visita orientada, foi possível perceber que houve um avanço, porém superficial, em ambos os grupos. A diferença entre eles é que, na visita orientada, todos os alunos tiveram algum tipo de avanço, mesmo de forma modesta, enquanto, na visita livre, ocorreram casos de alunos que não demonstraram avanços, era como se eles nunca tivessem visitado o Muphan.

Contudo, de forma geral, os alunos apresentaram informações superficiais tanto no grupo A quanto no B e, ao compararmos os questionários com mais informações do grupo A (visita livre) e B (visita orientada), identificamos poucas diferenças sobre os conhecimentos descritos sobre a visita ao Muphan. Tal fato sugere que quem fez a visita orientada não teve um avanço significativo ou muito superior se comparado com quem fez a visita livre, porque o processo de aprendizagem depende muito da predisposição do visitante, que é sujeito de todo o processo de apropriação de novos conhecimentos.

Diante do estudo realizado, bem como do propósito do Museu de História do Pantanal em contribuir com a formação da população local, percebe-se que não basta realizar uma única visita e nunca mais voltar, é necessário que o contato dos alunos, bem como de toda a população da região seja frequente.

Poderíamos então afirmar que, se o Muphan tivesse como principal propósito atender aos turistas de outros municípios, estados e países, ou ainda se priorizasse o lazer, uma única visita seria suficiente. Todavia, como desde a origem da implantação do referido museu a intenção foi de contar a história do homem do Pantanal, para que a comunidade local se sentisse pertencente e agente de transformação histórica ocorrida na região, poderíamos dizer que, para que o processo formativo ocorra, é necessário haver visitas periódicas e ao longo da vida.

9. Referências

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo: Perspectiva, v. 15, n. 2, p. 73-83, abr./jun., 2001.

- CORRÊA, LUCIA SALSA; CORRÊA, VALMIR BATISTA. **A história do Pantanal contada pelo Muhpan**. São Paulo: Edição de Artes, 2015.
- COSTA, Luciana Ferreira Da; BRIGOLA, João Carlos Pires. **Hábito cultural de visitar museus: estudo de público sobre o Museu do Homem do Nordeste, Brasil**. Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR, Penedo, v. 4, Número Especial, p. 124-141, 2014.
- DEGELO, Maria Ivone. **O público de museu: pequeno diagnóstico**. *Estética*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 1-8, jun. 2009.
- ETCHEVARNE, Carlos. **Projeto expográfico do Museu de História do Pantanal**. Corumbá: Muhpan, 2004.
- FIGURELLI, Gabriela Ramos. **Desenvolvimento do público interno: uma proposta de metodologia para um programa educativo direcionado aos funcionários de museu**. 2013, 217 f. Tese (Doutorado), Departamento de Museologia, Losófona, Lisboa, 2013.
- FRANZ, Terezinha Sueli. **Educação para a compreensão da arte – Museu Victor Meirelles**. Florianópolis: Insular, 2001.
- GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio: conceitos, métodos e reflexões para formulação de política**. In: Simpósio Internacional Museu e Educação – conceitos e métodos. *Anais...* São Paulo, MAE-USP-MAM, 2001.
- JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do Museu**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus. Caderno de Diretrizes Museológicas, 2006.
- LINCOLN, Yvonna; DENZIN, Norman. **O planejamento da pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. Porto Alegre: Artmed, p. 17-20, 2006.
- MARANDINO, Martha. **A biologia nos museus de ciências: a questão dos textos em bioexposições**. *Ciência & Educação*. Bauru, v. 8, n. 2, p. 187-202, 2002.
- NOGUEIRA, Maria Verônica Sáfyadi. **Relatório Museu de História do Pantanal**. Corumbá: Muhpan, 2014.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira; VALLE, Mariana Guelero. **O discurso museológico e suas tipologias em um museu de história natural**. *Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 23, n. 4, p. 835-849, 2017.
- SILVA, João Santos Vila Da; ABDON, Mvrian De Moura. 1998. **Delimitação do Pantanal Brasileiro e Suas Sub-Regiões**. *Pesq. Agropec. Bras*, v. 33, p. 1703-1711, 1998.
- SIMON, Feliciano; AYALA, Cardoso. **Álbum Graphico de Matto-Grosso (EEUU do Brasil)**. Corumbá; Hamburgo: Ayalas & Simon Editores, 1914.
- TARGAS, Zulmária Izabel De Melo Souza. **As casas comerciais importadoras/expotadoras de Corumbá (1904-1915)**. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados. 2012.
- VIEIRA, Helena Isabel Almeida. **Exposições Formas de comunicar e educar em museus**. 2009. Dissertação (Mestrado em História e Patrimônio) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, 2009.

Recebido em: 22 de setembro de 2020.

Aceito em: 1º de outubro de 2020.

Publicado em: 24 de novembro de 2020.